

COTIDIANO QUILOMBOLA EM MITUAÇU

Felipe Agenor de Oliveira Cantalice
Universidade Estadual da Paraíba/CH
Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

Neste trabalho analisamos o cotidiano dos moradores da comunidade negra quilombola Mituaçu. Para tanto, recorreremos à memória dos idosos e a etnografia, o que nos possibilitou perceber e captar alguns aspectos da vida cotidiana.

A comunidade negra de Mituaçu está localizada no litoral sul do estado da Paraíba ou mais precisamente no município do Conde. Essa comunidade no ano de 2005 recebeu a documentação da Fundação Palmares reconhecendo-a como remanescente de quilombo.

No entanto o conceito de quilombola presente no discurso dos moradores é algo em construção e está associado aos agentes externos a comunidade, a exemplo das ações públicas propostas pelo governo federal. Com isso, não queremos afirmar que as pessoas que residem em Mituaçu não sejam quilombola, a questão está no fato de que esta é uma expressão nova para muitos idosos, ou seja, trata-se de uma categoria pouco usual ou presente no discurso de alguns deles.

Mesmo com pouca intimidade com a expressão quilombola, é no cotidiano dos moradores e nas relações que eles estabelecem entre si e com as pessoas externas a comunidade, que a condição de quilombola se manifesta.

Nesse caso, podemos afirmar que eles nunca necessitaram dizer que eram, porque cotidianamente sempre foram quilombola. Essa condição é vivenciada em todas as instancias da vida, seja, no trabalho, no tratamento dedicado as pessoas, nas práticas culturais profanas e religiosas; em tudo que observamos em Mituaçu identificamos elementos que nos remetem ao passado e a presença dos negros.

Para os moradores de Mituaçu, o novo é o adjetivo quilombola, mas todos comungam da idéia de um passado no qual a formação dessa comunidade está relacionado à resistência negra na busca por sobrevivência.

Nesse sentido a identidade e a cultura quilombola vêm ao longo do tempo sendo construída e reconstruída a partir das novas possibilidades que os moradores encontraram e enfrentam ao longo da vida.

A partir disto é oportuno lembrar as palavra de Hall quando diz que as identidades são líquidas, e não se tornam cristalizadas com o tempo. Sendo assim os moradores de Mituaçu como quaisquer humanos, tiveram nos encontros estabelecidos com agentes internos e externos a comunidade forjado a plasticidade do seu “eu”, e em meio ao vai-e-vem de identidade e culturas foram se afirmando quilombolas, sem, no entanto, afirmarem que eram.

A comunidade de Mituaçu pelo que podemos perceber é constituída de pessoas em sua maioria negra e são membros de famílias antigas na região. Perguntando a opinião do senhor Mauricio e da Senhora Neuza, acerca da composição da população local, ambos responderam que a maioria dos moradores são negros, “Nesses tempos, nois era, não. Nois somos, só tinha mais

negro aqui em Mituaçu mesmo, era tudo da minha cor ou então mais fechado”. Na compreensão da Senhora Neuza, a composição da população seria essa, conforme descremos abaixo:

Negro tudinho! [...] É aqui em Mituaçu são tudo negro. A maioria da população. Tudinho, agente que vê de fora mais claro da cor, assim como vocês, não é daqui. Já se sabe que não é daqui. É, todo mundo sabe [...] Mas a maioria é negro então? Tudinho.

Vale acrescentar que alguns deles se vêem como negros, como pessoas de origens africanas, pois na fala do senhor Mauricio ele reforça “Nois somos” querendo informar que realmente são negros, a senhora Neuza por sua vez, também confirma essa identidade dizendo que é “negro tudinho”.

Nesse sentido, procuramos saber sobre a formação da comunidade para entendermos a origem das pessoas, pois o fato da maioria serem negros nos indicava que a comunidade era de fato remanescente de quilombo. Sendo assim apelamos aos idosos de Mituaçu a respeito da origem da comunidade e encontramos na memória dos idosos a origem da comunidade relacionada a três escravas fugidas do cativoiro que se fixaram entre os rios Jacoca e Gramame onde fundaram o que conhecemos como Mituaçu.

No entanto, logo após a chegada dessas escravas, diversos motivos levaram outras negras e negros escravizados ou forros a se fixarem no local. Desde a fuga da senzala, relacionamentos afetivos e provavelmente a segregação induzida, ou seja, os negros alforriados que habitavam nos centros urbanos das redondezas por não ter condições de trabalho, pois existia o preconceito de empregar um ex-cativo. Sendo assim negras e negros procuravam locais distantes habitado quase sempre por outras e lá iriam reconstruir suas referências africanas no coletivo.

Atualmente na comunidade de Mituaçu podemos encontrar no cotidiano vários traços da cultura afro-brasileira, seja na religiosidade, na forma oral de repassar suas memórias para as novas gerações, na organização da comunidade. Mas todos esses aspectos estão sempre em sintonia com o resto do mundo, ou seja, seus costumes são reinventados a todo instante por motivo do contato com outras culturas e as devidas apropriações culturais.

Na religiosidade da comunidade está presente o cristianismo representado pelos católicos e pelos evangélicos, no entanto mesmo com a aparente hegemonia cristã podemos detectar a fé nos Orixás, “símbolos, emblemas e sinais” nos levam a crer que uma parte do povo negro de Mituaçu cultua em suas casas a crença nos deuses africanos.

Nas residências onde tivemos contatos achamos sinais dessa fé, sejam copos com água por trás da porta, sal grosso, plantas como Arruda, Espada-de-São-Jorge, Pião-roxo que são encontrados tanto no interior das residências como plantadas nos quintais e jardins, esses mesmos vegetais são fortemente utilizados pelos terreiros de Candomblé como de Umbanda e nos dar um forte indicio dessa fé por alguns moradores de Mituaçu.

Podemos perceber que a religiosidade está mais nos espaços privados, pois as pessoas dos Orixás se sentem mais à-vontade nas suas residências, pois é nas nossas casas que nos sentimos mais à-vontade. A respeito do lar Certeau comenta que é: “O território onde se desdobram e se repetem dia a dia os gestos elementares das “artes de fazer” (CERTEAU, 2000, p.203)”. Ou seja, na comunidade de Mituaçu são nos espaços domésticos em especial, que são vivenciadas as práticas dos cultos de matriz africana. No entanto quando perguntamos sobre as crenças nos Orixás, eles negam a participação, como podemos verificar na fala de Dona Severina, “Não, existia antes em tempos atrás, agora não, até rezadeira se acabou”.(Severina 2007). Por outro lado, vemos que os sinais da religião de matriz africana estão lá em evidência, mas sempre encontramos o silêncio em afirmar essa fé.

Depois de conversarmos com vários moradores da comunidade, conseguimos captar na fala de duas senhoras evidências de que os Orixás estão presentes nessa comunidade. Seja através de tentar curar adultos e crianças com rezas, como nos mostra a senhora Severina Silvério:

a gente dizia...dava o nome no menino...[fulano]...se oiado tu tinha, por que não me dizia? Com quatro botaram com cinco te tiraria, com a palavra de Deus pai, com a palavra de Deus filho e assim com essas palavras os oiado saia do teu corpo esse quebranto e esse oiado excomungando Jesus Cristo. Mandou parar esse animal sagrado. (conforme entrevista por Dona Severina Silvério, em setembro/2007)

A partir das formulações de Pollack, entendemos esse tipo de comportamento em relação às tradições africanas como estratégia de resistência, ou seja, receio de serem discriminados, uma vez que a sociedade já os excluiu desde os tempos do cativeiro. Logo a negação é para poder forjar a identidade quilombola, “uma vez que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade” .Sendo assim podemos sentir que nas memórias dos moradores ainda possuem traços das religiões de origens africanas, ou seja, o povo negro de Mituaçu mesmo sem afirmar que são umbandistas ou candomblecistas eles se identificam com essa fé, e que eles recriam aos moldes das suas necessidades corriqueiras.

Podemos observar um fenômeno interessante, é que as tradições na comunidade negra de Mituaçu são passadas para as novas gerações via oral, ou seja, as memórias dos idosos são construídas ao longo do tempo e são repassadas para seus parentes mais jovens oralmente, no entanto o fato de transmitir as suas tradições via oral nos remete a uma ancestralidade africana.

Podemos perceber na memória de nossos interlocutores a imagem de três mulheres negras cativas como fundadoras dessa comunidade, ou seja, essas escravas estão representadas na memória dos moradores como as fundadoras da comunidade.

Sendo assim podemos comparar essa característica de transmissão da memória via oral com outros aspectos de origens africanas, como por exemplo, um terreiro de Candomblé, todas as tradições de um grupo de Candomblé são recebidas pelos Orixás e transmitidas as seus componentes de forma oral, também podemos ver essa característica em grupos de capoeira, onde os iniciantes aprendem novas técnicas de forma oral.

Quando estudamos as sociedades tradicionais africanas que deram origens ao povo negro do Brasil, podemos perceber várias características que são encontradas nos territórios remanescentes de quilombo, seja repassar o legado cultural através da fala, seja a religiosidade ou até mesmo a questão da mulher dentro da comunidade.

Em Mituaçu, como na maioria das comunidades remanescente de quilombo, as mulheres sempre ocupam lugares de liderança, no nosso caso podemos ver que foram as mulheres que foram a luta e conseqüentemente conquistaram o reconhecimento da comunidade sendo remanescente de quilombo pelo governo federal via Fundação Palmares.

Esses aspectos nos levam a crer em uma memória que se remete dia-a-dia aos costumes de África que foram trazidos pelos nossos antepassados e recriados aqui em terras do novo mundo.

Na organização das famílias podemos perceber mais uma característica marcante do povo negro de Mituaçu, ou seja, as famílias se constituem com uma aparência nítida das que encontramos nas sociedades tradicionais africanas.

As algumas famílias em Mituaçu, se organizam de forma alargadas, ou seja nos casamentos sempre as mulheres levam seus maridos para morar na região da mãe da noiva, e as casa sempre são construídas ao redor da casa da matriarca da família.

Por sua vez, os filhos dessa matriarca conseqüentemente, logo após o casamento eles saem do território de sua mãe e vão habitar o território da sogra. Com esse fenômeno faz com que as famílias se alarguem em torno da casa da mãe. Portanto uma forte memória de tradições vindas de África pelas populações negras que foram trazidas para cá.

No entanto povos de Mituaçu não estão isolados na comunidade, eles têm contatos com os centros urbanos de João Pessoa que é a capital do Estado da Paraíba e com a cidade do Conde e com esses habito de freqüentar essas cidades, eles se apropriam de elementos de outras culturas nas quais eles têm contatos e assim recriam nos espaços da comunidade.

Outros modo de se relacionar com o mundo é via televisão, rádio e internet, ou seja o povo negro de Mituaçu não formam uma África no Brasil mas sim possuem legados africanos e os vivenciam ao seu modo.

No entanto concordamos como historiador Jacques Le Goff, no que se refere à construção da memória coletiva. Pois acreditamos que ela deve ser edificada e usada para o usufruto de todos, e não seja usada para promoção de uma classe social ou um grupo, mas para que a coletividade lembre fatos, pessoas ou símbolos que realmente eles se identifiquem, e não de uns nomes ou símbolos impostos por um grupo dominante que tem outras aspirações adversas a coletividade.

“Que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” OU seja, que no cotidiano dos moradores de Mituaçu, ele sempre estão construindo o seu próprio destino a partir das suas escolhas e com isso procurando serem remanescentes de quilombolas ao seu modo.